Fundação Getulio Vargas | **Veículo:** Extra Online - RJ | **Data:** 24/09/2017
Tópico: FGV Social | **Página:** 04:30:00 | **Editoria:** Rio

Do esplendor à crise, a história do Rio
Clique aqui para ver a notícia no site

A riqueza brotava da terra na Província do Rio de Janeiro. Estávamos no século XIX, e o Convento dos Barbonos (onde hoje fica o Quartel-General da Polícia Militar, na Rua Evaristo da Veiga, no Centro) concentrava os primeiros experimentos do que, naquele tempo, era considerado um ouro negro: o café. A bebida refinada conquistou nobres lusitanos e se espalhou pelas cercanias da Baía de Guanabara, substituindo antigos canaviais. A designação voltou à história econômica do estado no século seguinte. Desde então, ouro negro é o petróleo que jorra da costa fluminense e que responde, atualmente, por 61% de toda a produção industrial fdo estado. A província concentrou atividades econômicas de importância fundamental para a consolidação do território continental do país. Não por acaso, recebeu a família real portuguesa em 1808. Pelo porto daquela que era chamada de Baía do Rio de Janeiro passavam ouro, diamante e muitos, muitos escravos, mais de dois milhões, parte deles enviada para as minas de Potosí, na Bolívia. O porto marcou a então capital do país com seu trabalho mercantil, característica que mantém até hoje. O sucesso do café brasileiro no mundo ascendeu o Rio à potência exportadora. A professora da UFF Hildete Pereira de Melo, estudiosa da história econômica da cidade e do estado, tratou do café em sua tese de doutorado. — Essa área aqui em volta era toda tomada por plantações de café — diz ela, apontando para o Cosme Velho. Um grande pedaço da Mata Atlântica foi destruído para dar lugar a cafezais. Isso acabou afetando o consumo de água no Rio, e levou à criação da Floresta da Tijuca numa área tomada por plantações do fruto. Tomar café era algo refinado, um hábito da elite que passou a se multiplicar. A bebida foi a grande commodity do século XIX; e a região de Itaperuna, a maior exportadora de café do mundo, conta Hildete: — Há poucos vestígios desse momento áureo na cidade. A elite produzia no interior, mas preferia o Rio para morar. Por isso, vemos poucos prédios históricos em Itaperuna. Os cafezais avançaram para o Vale do Paraíba, depois se espalharam por Minas Gerais e São Paulo. Hoje, parece inacreditável que o estado que concentrou 70% da oferta de café do mundo tenha na agricultura uma parte quase residual de sua economia. Atualmente, não chega a representar 2% do Produto Interno Bruto (PIB) fluminense. RENDA, O DOBRO DA BRASILEIRA A renda per capita na região cafeeira fluminense, registrada pelo censo de 1872, era mais que o dobro da média nacional. “Nenhuma das províncias do Império iguala em riqueza e indústria à do Rio de Janeiro, que, não só pela grande produção de café e açúcar, como pelo comércio externo, há, em todos os tempos, de prosperar”, escreveu Sebastião Ferreira Soares, em 1860. O ouro negro, uma analogia ao ouro dourado de Minas, deu impulso tão grande ao Rio que, mesmo crescendo abaixo da média nacional desde 1920, o estado conseguiu se manter como a segunda maior economia do país, perdendo a hegemonia somente para São Paulo, destaca Hildete. A verdade é que as fronteiras do Rio ficaram pequenas para dar conta do avanço do consumo mundial. Além disso, o uso de imigrantes assalariados na produção cafeeira de São Paulo, contrapondo com a mão de obra escrava de fazendas fluminenses, criou mais demanda para o desenvolvimento da indústria do estado vizinho. O polo de crescimento industrial mudou de endereço no país. O Rio não conseguiu competir com São Paulo, que ficou com setores mais dinâmicos, de bens de capital (máquinas e equipamentos) e metal-mecânico (montadoras e autopeças), com mais incorporação tecnológica. A indústria no Rio era mais voltada para o setor de bens de consumo. Hoje, São Paulo concentra mais de 32% do PIB nacional; o Rio, ainda o segundo, responde por 11%. No início do século passado, em 1903, uma greve geral mostrou o perfil da indústria carioca. Trabalhadores das fábricas de tecidos cruzaram os braços por 26 dias. Foram 40 mil empregados participando do protesto, nas contas do sindicato da categoria. A paralisação se espalhou por toda a cidade. Tecelões, sapateiros, gráficos e portuários pararam em lugares como Andaraí, Mangueira, São Cristóvão, Centro, Laranjeiras, Gávea, Jardim Botânico, Botafogo, Gamboa e até Sapopemba e Bangu. A reivindicação maior era a redução da

jornada de nove horas e meia para oito. Não conseguiram. A jornada menor só foi estabelecida para todos os trabalhadores em 1920, conta a historiadora Marcela Goldmacher em sua tese de doutorado pela UFF. Mas a economia fluminense não perdeu seu esplendor no século XX. Alvo de investimentos públicos e de setores privados que giravam em torno do poder, o estado continuou em ascensão, como diz o economista Carlos Lessa em seu livro “Rio de todo os Brasis”, publicado em 2000: "As décadas de 1920 a 1960 foram de prosperidade e de acumulação de prestígio no Rio de Janeiro. A cidade desdobrou-se em novos comportamentos e dimensões. (...) O Rio urbanizou-se em sintonia com esses novos tempos. Cabe sublinhar que foi sendo secundarizado, em termos de produção industrial, em relação a São Paulo. Porém, o Rio — concentrando serviços sofisticados, com o núcleo de comando do sistema bancário, sediando os escritórios centrais da maioria das grandes empresas, sendo o portal dos visitantes nacionais e estrangeiros, e alimentado por contínuas e crescentes injeções de gasto público — parecia ter assinado um pacto com a eterna prosperidade.” PESQUISA COM ALTA DO PETRÓLEO Naquele período, por iniciativa de Getúlio Vargas, foi construída a Companhia Siderúrgica Nacional, que começou a produzir em 1946. No ano seguinte, o perfil petrolífero do Estado do Rio, com a hegemonia do ouro negro dos mares, começa a se desenhar. A campanha “O petróleo é nosso” une pessoas conhecidas, como Monteiro Lobato. Mas foi na década de 1970 que ele entrou de vez na veia econômica do Rio. A crise do petróleo, em 1973, que fez o preço internacional do barril saltar de US$ 3 para US$ 10, deu fôlego para pesquisas de exploração em alto-mar. Em 1974, o Campo de Garoupa, na Bacia de Campos, começa a operar. O avanço do petróleo acontece uma década e meia depois de o Rio deixar de ser a capital do Brasil, em 1960. Esse momento da História, marcado pela cena do presidente Juscelino Kubitschek descendo as escadas do Palácio do Catete, acabou por frear o crescimento econômico e industrial do estado, dizem economistas — mas não há unanimidade nessa avaliação. O período em que o Rio era a capital moldou a economia fluminense, na opinião da pesquisadora especializada em história política do estado e professora aposentada da Fundação Getulio Vargas (FGV) Marly Silva da Motta: — É uma cidade administrativa, de serviços. E, por uma feliz coincidência, o principal porto importador. O Rio nunca perdeu essa aspiração, de ser a bela capital, a capital de fato, o tambor do país. Há uma certa nostalgia, algo que acho até pior que bala perdida para a economia do Rio. Isso não faz a cidade buscar seu lugar na federação, seja como capital do estado, seja como um lugar global. Mauro Osório, presidente do Instituto Pereira Passos, é categórico ao culpar a transferência da capital para Brasília como um dos motivos para o Rio ter perdido importância no país: — Nos anos 1970, consolida-se a transferência da capital para Brasília, e o Rio começa a ser lanterna em dinamismo econômico. Não houve qualquer discussão sobre os rumos da cidade depois que ela deixou de ser a capital do país. Mas a professora titular de História da UFRJ Marieta de Moraes Ferreira lembra que ser a capital federal tinha seu ônus: falta de autonomia. Toda nomeação de prefeito ou de chefe da polícia era feita pelo governo central desde a criação do distrito federal, após a proclamação da República. — Na época da Constituinte de 1946, houve todo um movimento para a cidade ganhar autonomia. O Rio de Janeiro era um cabide de empregos de políticos do Brasil inteiro. Todo mundo indicava um amigo, um parente para ocupar um cargo no distrito federal — diz Marieta. A especialista vê um certo exagero nas descrições dessa época de ouro do Rio de Janeiro. — Em tudo que já estudei e nas dissertações e teses que orientei como professora e pesquisadora, percebi que esse imaginário que se constrói é um pouco fantasioso. Idealizam um pouco esse passado de cidade do ouro. A também pesquisadora Marly Silva da Motta afirma que a transferência de poder para Brasília foi lenta. — Os prédios federais, a estrutura federal no Rio, tudo era mantido pela União. Polícia Militar, hospitais, escolas... Até o lugar onde o governador morava era era um prédio federal. O Diário Oficial também era federal. A crise econômica do Brasil dos anos 1980, com a moratória da dívida externa, e a reestruturação industrial da década de 1990 dão um baque na economia fluminense, que, aliás, era de um estado só, depois da fusão da Guanabara (a cidade-estado) com o Estado do Rio, em 1975. “Na década de 1990, a crise do Rio foi acentuada em relação ao Brasil. O produto regional se contraiu 15% entre 1989 e 1992; em 1996, ainda não havia recuperado o nível absoluto de 1989. A mutilação do Estado brasileiro repercute sobre o Rio mais intensamente que em qualquer outra cidade”, escreveu Carlos Lessa em “Rio de todos Brasis”. Mais recentemente, o petróleo trouxe o céu e o inferno para o Rio. As contas públicas do estado entraram em colapso, a ponto de o governo parcelar salários de servidores e aposentados. Os royalties e as participações especiais pela concentração de 80% da produção do petróleo do país renderam ao estado R$ 4,2 bilhões em 2014, quando o barril de petróleo chegou a US$ 93,48. Mas o inferno chegou. A receita oriunda do petróleo, usada pelo governo para quitar dívidas de custeio, inclusive a folha de inativos, caiu

para R$ 1,6 bilhão. O preço internacional do barril baixou para US$ 50,48 em 2016, e chegou ao piso de US$ 28 em 20 de janeiro do ano passado. INFORMALIDADE E VIOLÊNCIA Foi uma tempestade para o Rio. A Petrobras se tornou alvo da maior operação contra corrupção do Brasil, afastando investimentos que estavam programados por estar na dianteira da exploração do pré-sal. Estimada em 16 bilhões de barris de petróleo, ela colocou o Brasil entre os 15 países com as maiores reservas petrolíferas. — A queda do preço do petróleo explica um pouco a crise do estado. A crise fiscal é mais aguda aqui, mas não consigo perceber uma marca específica do Rio — afirma o economista Carlos Lessa, ex-presidente do BNDES. Ele cobra um projeto para aproveitamento da indústria do petróleo a serviço do desenvolvimento nacional e do Rio de Janeiro: — Vendemos óleo bruto e importamos derivados. Mesmo com os municípios do estado recebendo milhões de reais em royalties, o gasto público foi usado para benfeitorias marginais, de embelezamento, como pisos de porcelanato, monumentos em forma da baleia, sem gerar renda e emprego para a população. E o estado permanece assim, desigual, com alta informalidade e refém da violência que paralisou parte da cidade na sexta-feira. Os 10% mais ricos do Rio concentram 51,8% da renda, enquanto os 50% mais pobres ficam com 10,7%. Situação pior que em 1970, pelas contas do economista Marcelo Neri, da FGV. — Ser uma cidade de serviços aplaca um pouco a crise que o país vive (dois anos de recessão seguidos), mas a informalidade diminui a arrecadação — afirma o também economista Sérgio Besserman, presidente do Instituto Jardim Botânico. A violência também afasta empresas e turistas, intensificando a crise na cidade e no estado. Lideranças políticas são apontadas como culpadas pela falta de um projeto unificado para a economia fluminense. — Falta atuação no Congresso em torno de um projeto comum para cidade e periferia. Em São Paulo, ninguém pergunta se é capital ou interior — diz Marly Silva da Motta. Para Marieta de Moraes Ferreira, cassações de políticos cariocas na ditadura deixaram sequelas: — Houve, de fato, um esvaziamento político da cidade do Rio depois de 1964. A Guanabara foi onde mais houve cassações. Perdeu-se uma elite política que estava conduzindo os destinos do estado. Depois veio Chagas Freitas, com um governo clientelista que não tinha capacidade de articulação. O dinamismo da atividade petrolífera poderia ter sido mais bem aproveitado.